Dia 12 — Os Santos Nereu e Aquileu, Santa Domitila e São Pancrácio, Mártires

É muito célebre na Igreja desde o século segundo a memória dos santos mártires Nereu e Aquileu, sendo seu culto dos mais antigos que se solenizam nela. Eram dois irmãos que, tendo entrado no serviço da princesa Domitila, sobrinha do imperador Domiciano, sendo ainda muito meninos, tiveram a ventura de ser instruídos na fé e batizados pelo próprio apóstolo São Pedro, juntamente com toda aquela ilustre e santa família, que derramou com o tempo seu sangue por Jesus Cristo.

Distinguiam-se tanto entre todos os criados da princesa Nereu e Aquileu por seus costumes e por seu bom exemplo que isto mesmo lhes mereceu a particular estima de sua ama, a qual os fez gentis-homens de câmara e lhes dispensou sua confiança.

Referem as atas mais antigas destes dois santos que, vendo um dia o cuidado e esmero com que a princesa se estava adornando para receber a visita do conde Aureliano, com quem estava desposada, sentiram-no vivamente; e, animados do zelo que tinham pela salvação de sua alma, representaram-lhe com cristã liberdade, mas com o maior respeito, quão indigno era aquele grande desejo de agradar a um homem mortal, de uma alma que eles haviam crido sempre destinada a ser esposa de Jesus Cristo e a aumentar com esta augusta qualidade o número das virgens. Esta reverente representação, efeito puro de um zelo prudente e desinteressado, fez impressão no coração da princesa; e, advertindo-o os dois irmãos, aproveitaram a ocasião e prosseguiram representando-lhe, com igual respeito, a maior fortuna que sua religião e sua virtude lhe prometiam; e, trazendo à memória a boda que lhe propunham, falaram-lhe com tanta energia da vaidade de todas as honras e bens deste mundo; de quão vazios são todos os gostos, entretenimentos e prazeres; da brevidade dos dias da vida e singularmente dos trabalhos, amarguras e escravidão do estado do matrimônio; e fizeram-lhe uma pintura tão eficaz e tão viva do valor e mérito da virgindade e de todas as vantagens que traz consigo esta amabilíssima virtude que Domitila protestou que não teria jamais outro esposo que Jesus Cristo, a quem desde aquele instante unicamente queria e pretendia agradar; e, voltando-se aos dois irmãos, disse-lhes: «Pois Deus se valeu de vós para inspirar-me o desejo de ser esposa sua, tratai de conseguir que logre quanto antes a honra de trazer a divisa que se costuma e de obrigar-me solenemente a não reconhecer jamais outro esposo que ele.» Falava a santa da bênção que recebiam naquele tempo as virgens e do véu que traziam na cabeça em sinal de celibato.

Muito gozosos Nereu e Aquileu, e não menos consolados ao ver a bênção que havia lançado o Senhor a seu zelo, apresentaram-se logo ao papa São Clemente, sucessor imediato de São Pedro, e

deram-lhe conta da resolução em que estava a princesa Domitila de não perder jamais o precioso tesouro da virgindade. Deu graças o santo pontífice ao Senhor; e, passando logo ao palácio da princesa, a quem achou mais determinada que nunca a não admitir outro esposo que Jesus Cristo, disse-lhe: «Consideraste bem, filha minha, o forte combate que te espera? E terás valor para prometer-te a vitória? Teu amante, irritado do que reputa desaire, infalivelmente te acusará ao imperador de que és cristã; e então, ó bom Deus, a que tentações tão furiosas não se verá exposta tua fé e tua constância! E como poderemos tu e eu evitar então o martírio?» «E que maior ventura nos poderá suceder?, respondeu a santa. Eu confio pouco em minhas forças, mas tudo espero e tudo confio da poderosa graça de meu Esposo celestial, e a perseguição não fará mais que adiantar nossa felicidade e nossa glória.» Enternecido São Clemente ao ouvir tão generosa resposta e muito mais edificado do ardente desejo que mostrava Domitila de consagrar-se ao Senhor, deu-lhe sua bênção com solenidade e lançou-lhe o véu sobre a cabeça.

Não tardou muito tempo em cumprir-se o que havia prognosticado o santo pontífice; porque, informado Aureliano do partido que havia abraçado Domitila, entrou numa espécie de furor e, depois de haver empregado inutilmente promessas e ameaças, mandou prender todos os que suspeitou terem tido parte na mudança da princesa e a todos os acusou de que eram cristãos, com resolução de empregar todo o seu crédito para que todos fossem condenados ao último suplício.

Os primeiros de quem se lançou mão foram Nereu e Aquileu, confidentes de Domitila, persuadido o conde de que, ganhos estes, logo renderia a princesa. Valeu-se de quantos meios pôde para surpreender sua religião: de afagos lisonjeiros, de esperanças, de promessas tentadoras e de solicitações; mas nada foi bastante para comover a fé dos servos de Deus e, irritando-se sua constância a Aureliano, conseguiu que fossem ao ponto despojados de suas vestes e açoitados com toda a crueldade imaginável. A alegria que mostraram os santos neste tormento fez perder ao tirano toda esperança de pervertê-los e assim foram declarados cristãos e consequentemente inimigos do imperador e do Estado. Temendo que sua firmeza aumentasse a de Domitila, servindo-lhe de exemplo, foram enviados a Terracina, para que o cônsul Minúcio Rufo lhes formasse causa.

Esta substanciou-se logo; mandou-lhes que renunciassem à fé de Jesus Cristo e que no mesmo instante oferecessem incenso aos ídolos. Responderam com uma intrepidez que assombrou o próprio tirano: que, tendo sido batizados pelo apóstolo São Pedro e tendo sido alumiados com as luzes da fé, não reconheciam outro Deus que o Deus dos cristãos; chorando a desgraça e a cegueira dos gentios, que forjavam quase tantos deuses como homens, sendo o mais deplorável que em suas falsas divindades não adoravam mais que suas próprias paixões.

Enfureceu-se o tirano ao ouvir uma resposta tão breve como determinada e mandou que ao ponto fossem postos no potro. Era este uma espécie de tormento em que às cordas que suspendiam no ar os corpos dos mártires se as apertava a torno até lograr que tivessem toda a tensão possível; e, depois de lhes haver despedaçado os costados, mandou que se aplicassem a eles tochas acesas. As agudíssimas dores que sentiam só serviram para acendê-los mais e mais no amor de Deus, saindo ao semblante o gozo que ocupava o coração; tanto que, temendo o tirano que esta maravilha fizesse impressão no ânimo dos pagãos, mandou-lhes cortar a cabeça no dia 12 de maio do ano de 98. Seus corpos foram ocultamente recolhidos por seu discípulo Auspício e enterrados na via Ardeatina, a meia légua de Roma, onde com o tempo se edificou uma igreja para eterno

monumento do triunfo destes gloriosos mártires.

Não vacilou com sua morte a fé da ilustre virgem Domitila; mas, atendendo o imperador a seu nascimento, a seu nome, a sua formosura e a seu mérito, não se resolveu a tirar-lhe a vida e contentou-se com desterrá-la à ilha de Ponza, perto de Terracina, de onde Aureliano conseguiu que se lhe levantasse logo o desterro e fosse viver em Terracina, não desconfiando ainda de poder reduzi-la a sua vontade. Para lográ-lo, achou meio de introduzir em sua casa duas jovens donzelas, irmãs de leite da mesma Domitila, que se chamavam Eufrosina e Teodora, prudentes e honestas na verdade, mas imbuídas nas máximas e espírito do mundo, com grandes desejos de fazer fortuna nele. Prometeram-lhes que a uma e outra as colocariam vantajosamente se pudessem determinar a princesa a que se casasse com o conde; esperança que as moveu a empregar para este fim quantos meios pôde inventar o artifício e o engenho. Umas vezes lhe perguntavam se poderiam elas abraçar sua religião e se, para salvar-se na religião cristã, era necessário ser virgem; outras, se era lícito o matrimônio e, em suposição de sê-lo, que motivo podia ter para negar-se a um estado que não lhe estorvava o ser cristã, antes lhe abria caminho para fazer algum dia cristãos seu marido, seus filhos e criados.

Descobriu facilmente Domitila o espírito que as movia a falar daquela maneira; e, tendo respondido a suas perguntas em tom que não admitia réplica, ela também quis fazer as suas. Perguntou-lhes, pois, se, estando as duas prometidas para casar-se com dois senhores ricos, ouviriam sem indignação que tivessem valor para pretendê-las depois dois vis escravos. «Não por certo, responderam elas; a menos de haver perdido inteiramente o juízo, não se poderia levar com paciência semelhante proposição.» «Pois por que vos admirais, replicou a santa, do que eu faço? Por que qualificais de menos prudente minha conduta? Tendo consagrado minha virgindade a Deus, estou desposada com seu único filho Jesus Cristo; este vínculo há de durar por toda a eternidade; as conveniências que traz consigo são infinitas. Que vos parece? Achando-me já honrada com este ilustre título, deverei preferir à mão do único filho de Deus vivo a de um homem mortal? Poderei ouvir sem desgosto que me falem de outro matrimônio?» Disse isto com tanta graça e com tanta viveza que, movidas e até convencidas com suas razões Eufrosina e Teodora, mostraram-se como duvidosas; mas, não se rendendo ainda aos impulsos interiores da graça: «Se o que dizes é verdade, replicou-lhe Teodora, faze que teu divino esposo restitua a vista a um irmão cego que eu tenho.» «Teu irmão, respondeu a santa, está ausente, e se dilataria muito o milagre; aí tens uma moça muda que te serve: faze-a vir, e se manifestará mais cedo nela o poder de Jesus Cristo, para que também fiques tu mais cedo convencida.» Veio a muda, fez oração por ela Domitila, desatou-se-lhe a língua e as primeiras palavras em que prorrompeu foram publicar que não havia outro Deus que o Deus dos cristãos. À vista desta maravilha as duas irmãs arrojaram-se aos pés da princesa, declararam que eram cristãs e que não queriam outro esposo que Jesus Cristo.

Chegando à notícia de Aureliano o que havia sucedido, resolveu levar adiante seu ressentimento, sem guardar mais considerações e, tendo ganhado facilmente a vontade do cônsul, homem cruel e inimigo mortal dos cristãos, mandou pôr fogo à casa onde estava Domitila com suas duas neófitas, e todas três foram imoladas como puras vítimas do Deus vivo, consumando desta maneira seu glorioso martírio. No dia seguinte acudiu o diácono Cesário para recolher aquelas preciosas cinzas; mas ficou admirado quando encontrou as três donzelas prostradas, o semblante contra a terra,

como se estivessem em oração, sem que o fogo que consumou seu sacrifício tivesse ofendido nem um de seus cabelos: tomou os santos corpos e os enterrou num lugar onde com o tempo se edificou uma igreja.

No mesmo dia faz-se menção do santo jovem Pancrácio, originário de Sinada, cidade da Frígia, que perdeu sua mãe poucos dias depois que nasceu, e o pai tampouco sobreviveu a sua mulher muito tempo. Antes de morrer deixou este encomendado o menino Pancrácio a um irmão seu, chamado Dionísio, que foi tutor e pai de seu terno sobrinho. Levou-o consigo a Roma, onde passou a residir, e dispôs a Providência que tomasse casa junto a uma onde estava retirado o papa São Marcelino, durante a perseguição que Diocleciano e Maximiano haviam acendido contra os cristãos. Com esta ocasião tiveram a de tratar o santo pontífice, cuja doce conversação, modéstia, doçura e piedade enfeitiçaram tanto os dois estrangeiros que ambos lhe pediram o batismo. Dionísio morreu poucos dias depois de sua conversão, e pouco depois de sua morte foi preso por cristão o menino Pancrácio, o qual então não tinha mais que quinze anos. Referem as atas antigas de seu martírio que o imperador Diocleciano, por haver conhecido em outro tempo a seu pai, quis vê-lo e não poupou meio algum para obrigá-lo a voltar ao paganismo. Primeiro tentou ganhá-lo com promessas, depois pretendeu atemorizá-lo com ameaças e finalmente valeu-se do artifício; mas nada bastou para fazer vacilar sua constância. «Senhor, disse-lhe o heroico mancebo, inutilmente te fatigas se te persuades de que me farás perder a fé ameaçando-me com que hei de perder a vida; não sabem os cristãos que coisa é temer a morte; toda a sua ventura é derramar seu sangue por Jesus Cristo; os suplícios apressam sua eterna felicidade e para eles expirar nos tormentos é conseguir uma gloriosa vitória.» Irritado o imperador, não quis que falasse mais e mandou que ao instante lhe cortassem a cabeça.

Não é menos antigo o culto deste santo que o dos santos Nereu, Aquileu e Domitila, pelo que a santa Igreja junta a festa de todos num mesmo ofício. Pronunciando São Gregório uma homilia diante de seu sepulcro, diz estas palavras: «Os santos, diante de cujo sepulcro estamos, olharam sempre o mundo com desprezo, ainda quando a paz, a fertilidade, a abundância, o florido e vigoroso de sua idade pareciam torná-lo digno de ser amado por eles, ou ao menos lhes aumentavam as dificuldades que há para desprender-se dele.»

Por haver sido título do cardeal Barônio a igreja antiga destes santos, reedificou-a e, com autoridade de Clemente VIII, restituiu a ela a estação dos fiéis, que se havia perdido com o tempo.

Honório I reparou a igreja de São Pancrácio; Leão X instituiu nela uma das estações de Roma; Inocêncio X deu-lhe o título de igreja abacial e finalmente foi cedida aos padres carmelitas descalços, que hoje a possuem.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Semper nos, Domine, martyrum tuorum Nerei, Achillei, Domitillæ atque Pancratii, foveat, quæsumus, beata solemnitas, et tuo dignos reddat obsequio. Per Dominum nostrum.*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que a gloriosa solenidade de vossos santos mártires Nereu, Aquileu, Domitila e Pancrácio nos seja sempre proveitosa e nos faça dignos de vosso santo serviço. Por Nosso Senhor.

Epístola

A epístola é do capítulo 5 da Sabedoria, e a mesma do dia 1.

Sabedoria 5,1-5

> **Latim:** 1 Tunc stabunt justi in magna constantia adversus eos qui se angustiaverunt, et qui abstulerunt labores eorum. 2 Videntes turbabuntur timore horribili, et mirabuntur in subitatione insperatæ salutis ; 3 dicentes intra se, pœnitentiam agentes, et præ angustia spiritus gementes : Hi sunt quos habuimus aliquando in derisum, et in similitudinem improperii. 4 Nos insensati, vitam illorum æstimabamus insaniam, et finem illorum sine honore ; 5 ecce quomodo computati sunt inter filios Dei, et inter sanctos sors illorum est.

Português: 1 Então se levantarão os justos com grande afou-teza contra aquêles que os atribularam, e que lhes roubaram o fruto dos seus trabalhos. 2 Vendo-os assim, perturbar-se-ão com temor horrível, e ficarão assombrados pela novidade repentina da sua salvação, que êles não esperavam, 3 dizendo dentro de si, tocados do arrependimento, e com angústia do espírito gemendo: Estes são aquêles, de quem nós noutro tempo fazíamos zombaria, e a quem tínhamos por objeto de opróbrio. 4 Nós insensatos reputávamos a sua vida por uma loucura, e o seu fim sem honra: 5 Ei-los aí como têm sido contados entre os filhos de Deus, e entre os santos está a sua sorte.

Nota

«Poucos livros temos do Antigo Testamento mais doutrinais que o da Sabedoria, e nenhum se escreveu até agora que merecesse com mais razão este nome; por isso com razão o chamam os santos Padres o livro da Sabedoria cristã. Basta para prova deste merecido conceito o capítulo de onde se tirou a epístola precedente, porque em nenhuma parte se explicam com maior viveza e

claridade os cruéis remorsos que padecerão os condenados no dia do juízo universal e até no mesmo instante em que expiram.»

Reflexões

Estes são aqueles de quem em outro tempo nos rimos e zombamos: *Hi sunt quos habuimus aliquando in derisum.* Estes foram objeto de nossas chacotas e chocarrices. Ó insensatos de nós! Tínhamos sua vida por loucura, e agora os vemos elevados à dignidade de filhos de Deus. Por que razão não discorreremos e não falaremos em vida como havemos de falar e como havemos de discorrer na hora da morte? Então se julga sem preocupação; não cegam as paixões; olham-se de perto os objetos e não se padece engano. A razão, a religião e a fé voltam, por assim dizer, a entrar na posse de seus direitos; revelam-se os mistérios mais ocultos do coração e a verdade se deixa ver com toda a sua claridade. Oh, que bela atalaia é a cama na hora da morte! Que efeito produzirão na alma umas reflexões que só têm por fruto estéreis arrependimentos, e uns arrependimentos que vão acompanhados ou seguidos de uma infinidade, de uma eternidade de suplícios!

Hi sunt: eu zombava da modéstia daquele jovem, da compostura, do recolhimento daquela donzelinha, da ajustada e regrada vida daquelas pessoas devotas que edificavam com sua virtude toda a cidade, enquanto eu era a fábula de toda ela.

Hi sunt: eu olhava com uma espécie de lástima e de compaixão aquelas esposas de Jesus Cristo; sua clausura me parecia uma prisão insofrível; seu véu um jugo insuportável; seu estado e sua condição uma verdadeira desgraça. Quando eu estava engolfada em meio desse grande mundo; quando havia de achar-me precisamente em tudo o que era jogo, diversão e entretenimento; quando era a alma do baile, do sarau, da conversação e do passeio, teria trocado eu minha sorte pela daquela irmãzinha minha religiosa? Com que olhos compassivos e até desdenhosos olhava eu aqueles jejuns, aquelas penitências; e com que empenho, com que complacência defendia eu minha profanidade, minhas galas, minha vida regalada e licenciosa, minha indevoção e minha impiedade! *Ecce quomodo computati sunt inter filios Dei:* e agora olha, olha como está contada no número dos filhos de Deus; enquanto eu (infeliz de mim!) me vejo condenada ao fogo eterno; vejo-me precipitada no inferno, feita por toda a eternidade o opróbrio do universo, o joguete dos demônios, a execração de Deus e dos homens!

Nos insensati. Loucos, néscios, insensatos de nós! É porventura tempo de conhecer um seus desacertos, seus extravios e suas loucuras depois da morte? É tempo de que o réu se dê conta da enorme gravidade de seu delito quando já está no cadafalso? É tempo de que o litigante advirta a injustiça de seu pleito quando já está sentenciado? Lá, em meio daqueles alegres dias que estavam todos contados; lá, quando gozavas uma saúde robusta, florescente e vigorosa; lá, quando te ocupava tanto tempo inutilmente o sossego, a ociosidade e o regalo; então, então sim que era ocasião oportuna de reconhecer essas máximas tão contrárias ao espírito do cristianismo; então havias de descobrir o veneno dessas conversações tão pouco cristãs, os laços dessas

concorrências, o contágio dessas diversões; então era tempo de advertir os perigos dos espetáculos, a vaidade dessas galas profanas e orgulhosas que alimentam ou irritam as paixões; então deverias ter reparado na infelicidade dessa vida ociosa, delicada e quase inteiramente gentílica; então vinha bem prevenir as funestas consequências dessas mesas de jogo, desses bailes, dessas ostentosas comilanças, dessas temporadas de quinta, aldeia ou campanha, tão perniciosas à inocência como próprias para a dissolução. *Nos insensati.* Que insensatos somos em deixar-nos enganar de umas flores que murcham quase ao mesmo tempo que se abrem! Insensatos em correr ao precipício com os olhos vendados! Insensatos quando estamos condenados à morte e nos rimos!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 4 de São João.

João 4,46-53

> **Latim:** 46 Venit ergo iterum in Cana Galilææ, ubi fecit aquam vinum. Et erat quidam regulus, cujus filius infirmabatur Capharnaum. 47 Hic cum audisset quia Jesus adveniret a Judæa in Galilæam, abiit ad eum, et rogabat eum ut descenderet, et sanaret filium ejus : incipiebat enim mori. 48 Dixit ergo Jesus ad eum : Nisi signa et prodigia videritis, non creditis. 49 Dicit ad eum regulus : Domine, descende priusquam moriatur filius meus. 50 Dicit ei Jesus : Vade, filius tuus vivit. Credidit homo sermoni quem dixit ei Jesus, et ibat. 51 Jam autem eo descendente, servi occurrerunt ei, et nuntiaverunt dicentes, quia filius ejus viveret. 52 Interrogabat ergo horam ab eis in qua melius habuerit. Et dixerunt ei : Quia heri hora septima reliquit eum febris. 53 Cognovit ergo pater, quia illa hora erat in qua dixit ei Jesus : Filius tuus vivit ; et credidit ipse et domus ejus tota.

Português: 46 Veio pois segunda vez a Caná de Galiléa, onde fizera da agua vinho. Havia porém alli hum régulo, cujo filho estava doente em Cafarnaum. 47 Este tendo ouvido que Jesus vinha de Judea para Galiléa, foi ter com elle, e rogou-o que viesse a sua casa curar a seu filho: porque estava a morrer. 48 Disse-lhe pois Jesus: Vós senão vedes milagres, e prodigios, não credes. 49 Disse-lhe o régulo: Senhor, vem antes que meu filho morra. 50 Disse-lhe Jesus: Vai, que teu filho vive. Deo o homem credito ao que lhe disse Jesus, e foi-se. 51 E quando elle já hia andando, vieram os seus criados sahir-lhe ao encontro, e derão-lhe novas de que seu filho vivia. 52 E perguntou-lhes a hora, em que o doente se achára melhor. E elles lhe disserão: Hontem pelas sette horas o deixou a febre. 53 Conheceo logo o pai ser aquella mesma a hora, em que Jesus lhe dissera: Teu filho vive: e creo elle, e toda a sua casa.

Meditação

Do cuidado que os pais devem ter da educação de seus filhos

Primeiro ponto

Considera que não há obrigação mais estreita para os pais e para as mães que a de dar uma cristã educação a seus filhos. Não é maior a obrigação de alimentá-los que a de criá-los bem; eles são como tutores de seus filhos, especialmente quando se acham em idade em que as primeiras impressões que recebem são como os princípios, ou como a semente do destino que hão de ter eternamente. Com segurança se pode dizer que a salvação ou a condenação dos meninos pende principalmente de sua boa ou má educação.

Nenhum pai, nenhuma mãe pode dispensar-se desta obrigação; mas quantos há que se dispensam a si mesmos dela! Quantos filhos que se condenaram devem à sua má criação sua eterna desdita! Isto é o que deveram a seus cruéis pais. E, se o sangue do inocente Abel está clamando a Deus vingança desde a terra, que gritos estarão dando desde o profundo do inferno aqueles filhos desditosos, pedindo a Deus que castigue seus ímpios e desnaturados pais, porque com sua negligência, com seu criminoso descuido em dar-lhes uma boa educação foram causa de sua eterna desgraça!

Grande pecado é impedir os filhos de abraçar a religião cristã; mas será porventura menor culpa não cuidar de que os que são cristãos vivam como manda a religião? Desenganemo-nos: a salvação dos pais e mães tem grande conexão com a salvação dos filhos. Aquele homem que parece muito regrado em sua conduta pessoal e que seria um santo se não tivesse filhos talvez se condenará pelo descuido no governo de sua família. Aquela outra mulher seria irrepreensível aos olhos de Deus se não tivesse que responder a Sua Majestade pelas desordens de uma filha, porque não cuidou de criá-la com recolhimento e com temor de Deus. Heli era um homem justo no que toca a sua pessoa; mas em que abismos não o precipitou a branda indulgência com seus filhos!

Não cuidar dos filhos, diz o Apóstolo, é renunciar à fé e ser pior que um infiel. O Espírito Santo não gasta exageros. E será causa legítima dos pais dizer que fiaram esse cuidado ao desvelo dos aios, dos mestres, dos estranhos? O cuidado destes não descarrega totalmente os pais de sua obrigação, porque quando muito os ajudam a levar a carga. Os filhos podem ter mestres; mas os pais têm obrigação de saber se os mestres cumprem a sua e se os educam bem; e ainda é mais indispensável a obrigação que os estreita a dar-lhes bom exemplo. Mais imitam os meninos o que veem que o que ouvem; e por esta razão não há nos pais ação exterior menos regrada que não tenha a malícia de escandalosa.

Que conta tão terrível terão que dar ao Senhor aqueles pais e mães tão pouco cristãos que mal conhecem seus filhos, segundo as poucas vezes que os veem; e, quando os veem, parece que só é para semear em seus corações princípios de irreligião com seus perversos exemplos! Aqueles pais

a quem não dá mais cuidado a boa criação de seus filhos que se não fossem seus, e julgam haver cumprido bastantemente sua obrigação com dar-lhes um mestre de escrever e outro de baile! E depois disto, admiraremos que a gente moça saia tão dissoluta e que a ira de Deus caia sobre tantos pais negligentes e sobre tantas mães descuidadas em ordem à salvação de seus filhos e de suas filhas? Este só capítulo bastará para fazer desesperar muitos pais e muitas mães na hora da morte.

Segundo ponto

Considera que, se Deus pede tão estreita conta, como diz o profeta Ezequiel [^1], àqueles ministros mudos ou demasiadamente condescendentes, do sangue do ímpio a quem deixaram morrer em sua iniquidade, há de sê-lo muito mais a que pedirá aos pais descuidados na cristã educação de seus filhos, que por esta negligência foram causa de sua perdição.

Não aguarda Deus a outra vida para castigá-la. Esses trabalhos, esses pesares, essas divisões que se veem nas famílias, que as arruínam e aniquilam, frutos costumam ser da má criação dos filhos e justo castigo com que o Senhor se antecipa a dar seu merecido à negligência dos pais.

Não se ouvem por todas as partes mais que amargas queixas da desenfreada licença da juventude; clama-se contra a geral corrupção dos costumes; grita-se contra a dissolução, contra a irreligião da gente jovem. Tratem os pais de educar cristãmente seus filhos; não confiem este cuidado inteiramente a estranhos; autorizem sua boa doutrina com seus bons exemplos e logo se verá o mundo reformado. A boa educação endireita as torcidas inclinações do mau gênio e auxilia a natureza; sem ela as melhores prendas são talvez infrutuosas. Que produzirá a melhor terra faltando-lhe o cultivo? Espinhos e abrolhos: pois assim o melhor natural bastardeia se lhe falta a educação. São os filhos uns depósitos que Deus confiou aos pais; não é lástima deixar essas tenras plantas sem cultura? Não é crueldade, não é malícia semear nesta nova terra grão inútil ou pernicioso? Parece que muitos pais somente o são para transplantar seus vícios a seus filhos.

O que não cuida dos seus, particularmente de seus domésticos, diz o Apóstolo, negou a fé e é pior que um gentio. Livrar-se-ão desta nota aqueles pais que mal veem seus filhos; aquelas mães que, cuidando unicamente de suas galas, de seu toucador e de seus divertimentos, abandonam a educação de seus filhos à mercê dos criados?

De que servirá deixar aos filhos muitos bens sem virtude e não poucas vezes sem religião? Será pôr a espada nas mãos de um furioso. A um filho mal criado, que honra lhe dará o mais rico patrimônio? A herança mais preciosa que se pode deixar a um filho é a boa educação.

Ó Senhor, quantas acusações, quantos remorsos descubro em meu coração à luz destas reflexões que acabo de fazer! Que descuidos, já com meus filhos, já com meus criados, já com meus súditos, já com todos aqueles que vós pusestes a meu cargo! Dai-me tempo, Senhor, e dai-me graça para reparar uma negligência tão culpável com uma vigilância exemplar e cuidadosa.

Jaculatórias

> *Ab occultis meis munda me, et ab alienis parce servo tuo.* Sl 18.

Perdoai-me, Senhor, os pecados pessoais que não conheço; e os que, sendo alheios, fiz próprios por havê-los ocasionado meu descuido.

> *Dabis, Domine, servo tuo cor docile, ut populum tuum judicare possit.* 3 Rs 3.

Fazei-me bom, Senhor, para que eu possa fazer tais aqueles que vós pusestes a meu cargo.

Propósitos

1. Se se criassem os meninos nos princípios e máximas da religião; se o pai, a mãe e aqueles que os têm a seu cargo cumprissem esta obrigação; se as instruções que se lhes dão fossem acompanhadas de alguns sentimentos de piedade, o horror ao vício cresceria neles com os anos e lhes seria como natural o amor à virtude. Mas que é o que se costuma aplaudir nos meninos, e que é o que comumente celebra uma mãe indiscreta numa filha de curta idade? A modéstia? A inclinação à virtude? O horror ao pecado? Uns certos assomos de piedade e de devoção? Estes deveriam ser os frutos de suas primeiras instruções. Mas ah! Que talvez se dão lições muito contrárias àquelas inocentes almas, ou ao menos exemplos perniciosos de onde elas as aprendem. Celebra-se certo desembaraço, certa vivacidade antecipada nos meninos e nas meninas; celebram-se certas ocorrências ou respostas já demasiado atrevidas; celebra-se não sei que arzinho de vaidade, de orgulho e de própria satisfação; uns modos desembaraçados e demasiadamente livres; uma certa desenvoltura que raia em descaro e um gosto fino e delicado por tudo o que sabe a mundo; aplaude-se o talhe, a voz, a agilidade para a dança; louvam-se as galas, as diversões e as profanidades; e, se talvez se dão algumas lições de piedade ou de devoção, e essas muito secas, é unicamente àqueles filhos a quem se destina para a Igreja ou para o claustro. As primeiras impressões duram muito e com dificuldade se apagam as primeiras lições: por isso, sejam sempre cristãs todas as que deres a teus filhos, procurando acompanhá-las com doçura e com certo ar insinuante, mas evitando cuidadosamente certa ternura excessiva, uma demasiada condescendência, não menos nociva aos meninos que o excessivo rigor ou severidade. Nunca se repreende com fruto quando se repreende com paixão: a destemperança ou o furor do pai e da mãe são comumente mais repreensíveis que a falta do filho que se pretende corrigir. E, ao contrário, uma correção séria, mas sossegada, raras vezes se faz sem fruto. Talvez haja algumas correções mudas que são ainda mais eficazes. E, enfim, sempre se há de cuidar que na correção entre algum motivo de religião e de piedade.

2. Há naturais tão ardentes que ao instante tomam fogo; mal se lhes toca, quando ao momento chispam. A estes se há de corrigir com grandíssima calma, deixando que se apague a chama antes que chegue a correção. Há-os tão impetuosos e aturdidos que só lhes vem a reflexão depois que incorreram na falta, sem que lhes sirva aquela mais que para tornar mais visível sua imprudência; estes são moços por longo tempo e é mister repreendê-los sempre com doçura e com sossego. Outros há tão tímidos e tão pusilânimes que temem, digamo-lo assim, até a própria luz do dia; as advertências figuram-se-lhes repreensões e os bons exemplos que veem em outros os desalentam. A estes se há de animar e alentar e, sem dissimular-lhes as faltas, repreendê-las com arte, escusando-as ao mesmo tempo com benignas interpretações. Alguns gênios há frouxos e indolentes; sua paixão dominante é a preguiça e, se se reconhece neles alguma vivacidade, é para a vadiagem e os prazeres; a estes convém esporeá-los sem misericórdia; e, se forem de habilidade e de talento, carregá-los bem de afazeres, tendo-os continuamente ocupados, sem dar ouvidos a sua desídia. Outros naturais há alegres e dispersos, que só pensam em chocarrear, rir e divertir-se; inimigos de toda sujeição, todo o seu afã é por ter liberdade e viver a suas anchas; tudo os distrai, e as maiores bagatelas os divertem. Tampouco a estes se lhes há de perdoar nada; há-se de corrigi-los com seriedade e jamais se hão de celebrar suas chocarrices nem rir de suas bufonadas. Acham-se também outros gênios tristes, melancólicos, pensativos; destes convém compadecer-se e contemporizar algo com eles. Se se lhes aperta muito, afogam-se; é preciso corrigi-los com suavidade, com carinho, com um semblante risonho e de certa maneira lisonjeá-los. Não se lhes ganhará o entendimento enquanto não se lhes ganhe o coração. Naturais há enfadadiços, caprichosos e teimosos, dos quais mal se pode tirar coisa alguma senão por uma espécie de artifício. A estes se há de reduzir por amor; é preciso dissimular, escusá-los e fazer estudo em louvar o que tiverem de bom; este artificioso carinho os domestica e, à força de fazer-lhes crer que os estimam, emendam-se e fazem-se estimáveis. Enfim, há alguns gênios inteiramente felizes, mas são muito raros; a estes se há de cultivar com cuidado para que não bastardeiem.

São Domingos da Calçada, Confessor

Ainda que não se sabe de certo qual foi a pátria de São Domingos da Calçada, a maior probabilidade está em favor de Villoria, pequeno lugar na Cantábria, por dizê-lo assim um leccionário muito antigo da igreja Asturicense, que refere sua vida. Nada se sabe dos ditosos pais que deram fruto de tanta bênção ao mundo; mas se crê que foram virtuosos, ainda que pobres, pela cristã educação que deram a seu filho, em quem desde a idade juvenil haviam já lançado profundas raízes as mais sublimes virtudes. Sendo jovem e sem letras, sabia o bastante para estar persuadido de que nenhuma coisa há no mundo capaz de saciar o humano coração e de que é vã toda aquela ciência que não se funda na humildade e caridade cristãs. Por esta causa meditou dentro de si que lhe era melhor retirar-se ao claustro e professar sua austeridade e obediência que viver exposto aos perigos do mundo. Com este pensamento apresentou-se ao abade de Valvanera, da ordem de São Bento, e pediu-lhe humildemente que o admitisse em sua companhia e lhe ensinasse as doutrinas cristãs e sagradas que eram necessárias para poder ajudar a seus irmãos

na instrução dos povos. A demanda não podia ser mais justa; todavia, não foi admitida por aquele abade, que acharia motivos razoáveis para negar ao servo de Deus o cumprimento de seus desejos. O mesmo lhe sucedeu no convento de São Milão, a cujo abade fez o santo a mesma súplica e proposta que havia feito ao de Valvanera; mas este abade o recusou porque, vendo-o pobre e em traje que fazia fundada qualquer suspeita, não quis ser responsável pelas consequências que se poderiam seguir em uns tempos em que toda precaução não era suficiente para evitar os multiplicados perigos.

Vendo o santo frustrados seus desejos, foi a um santo ermitão que fazia vida solitária e contemplativa num bosque vizinho ao convento de São Milão e pediu-lhe instruções para arranjar sua vida de tal modo que se cumprissem em parte seus desejos. O ermitão fez-lhe uma breve prática acerca do desprezo do mundo e manifestou com seu exemplo quão pouco se devia apegar às coisas terrenas; pois com toda singeleza e boa vontade lhe ofereceu uma pobre celinha que havia feito para si, disposto a deixar aquele sítio e buscar outro em que continuar sua vida solitária, logo que quisesse fazê-la nele seu hóspede. Não quis aceitar Domingos tão generosa oferta; e assim, instruído e edificado, despedindo-se do solitário, partiu para um sítio da Bureba, onde hoje está a cidade que tem seu nome. Estava aquele sítio muito cheio de matagais e por isso era muito a propósito para servir de guarida aos ladrões, que saíam a molestar os peregrinos que passavam por ali perto indo visitar o corpo do apóstolo Tiago; nosso santo concebeu o projeto de fazer ali sua mansão para poder proporcionar-lhes algum consolo e segurança. Os projetos da caridade sempre encontram recursos para levar a devido efeito suas obras. Em pouco tempo não somente dispôs com o suor de seu rosto uma horta formosa e fecunda, não somente plantou vinhas, com cujo fruto pudesse consolar e alimentar os fatigados peregrinos, mas além disso edificou uma ermida em honra da mãe de Deus, onde dirigia suas fervorosas orações ao céu. Cinco anos permaneceu ali o santo ocupado em exercícios fervorosos de contemplação e de caridade, até que, indo àquele sítio um santo chamado Gregório, bispo de Óstia, que havia sido enviado à Espanha pelo sumo pontífice para negócios muito interessantes, juntou-se com ele para aproveitar-se de sua doutrina e fazer-se participante dos muitos méritos que contraía pregando a palavra de Deus.

Haviam-se propagado pelo reino de Navarra tantos gafanhotos que, sem poder bastar diligências humanas para exterminá-los, devastavam os campos e punham todo o reino numa lastimosa miséria; acudiram os navarros ao sumo pontífice, pedindo-lhe que os ajudasse com suas orações e as da Igreja para aplacar a ira de Deus que tanto os afligia. O pontífice, que então era Bento IX, enviou a este São Gregório, bispo de Óstia, varão muito sábio e de muita piedade, para que fizesse quanto lhe ditasse sua prudência em benefício e consolo daqueles povos; com efeito, fê-lo de maneira que, com as procissões que instituiu, as rogações e públicas penitências que fez e a emenda dos costumes, aplacou-se o enojo da divina justiça e cessou a praga que tinha consternado todo o reino de Navarra. Com este santo varão esteve Domingos bastante tempo, acompanhando-o em todas as suas evangélicas expedições, contentíssimo de servir de algum modo a um tão grande santo no ministério da palavra, já que ele não era capaz de pregá-la senão com o exemplo, que ainda é mais eficaz.

Morto São Gregório, teve Domingos que entrar em consulta consigo mesmo sobre o método que havia de guardar em sua vida. Não desejava outra coisa que servir e aproveitar a seus irmãos,

cumprindo o primeiro e maior dos preceitos; e para este fim considerou que em nenhuma parte poderia achar matéria tão abundante como naquele mesmo lugar de onde saíra para juntar-se com São Gregório. Voltou a ele e começou a prosseguir com mais eficácia a obra que antes havia começado. Como esteve alguns anos na companhia do santo bispo, haviam voltado a crescer os matagais naquele sítio fragoso e a guarecer-se nele os malfeitores. Por conseguinte os peregrinos padeciam já as mesmas ou maiores vexações que nos anos passados, sendo muitas vezes despojados e maltratados pelos ladrões. Voltou, pois, o santo a sua antiga morada; reparou, antes de tudo, a capela que havia dedicado a Maria santíssima e dispôs-se a fazer um caminho ou calçada cômoda e segura por onde pudessem ir os passageiros livres de insultos. Roçou aqueles pedaços de bosque que impediam mais a segurança, aterrou alguns lugares pantanosos e fez construir uma ponte muito segura e custosa, concorrendo voluntariamente a secundar suas intenções benéficas todos os povos comarcãos. Deste modo em breve tempo ficou concluído aquele caminho e edificaram-se naquele sítio tantas habitações que chegaram a formar uma população numerosa, a qual, por ser fundação deste santo, se chama Santo Domingo de la Calzada.

A maior parte desta grande obra foi devida, mais que às diligências humanas, às fervorosas orações deste grande servo de Deus. Era já muito ancião quando a ponte e as demais fábricas estavam no fervor de sua construção. Quando havia alguma dificuldade que vencer ou faltava algo que fosse necessário para seguir a obra, tomava seu báculo e partia à capela da Virgem, e ali com rogos fervorosos e lágrimas vencia finalmente todas as dificuldades. Não poucas vezes manifestou o Senhor com milagres quão gratos lhe eram os trabalhos de seu servo. Sucedeu um dia de festa que, tendo-se publicado no ofertório da missa uma súplica da parte do santo para que cada um contribuísse para a construção da ponte, como todos oferecessem segundo suas faculdades, uns seus carros, outros suas cavalgaduras, outros seus braços e dinheiro, não faltou um rústico temerário e indevoto que, querendo zombar do santo, disse desta sorte: «Eu ofereço por um dia, para a obra da ponte, dois touros que tenho no monte, com a condição de que o padre Domingos os traga.» Eram os touros ferozes em extremo, e o rústico fazia aquela promessa ilusória com a confiança de que o santo não iria por eles, pois estava seguro de que o mesmo seria aproximar-se que fazê-lo em pedaços. Mas, sorrindo-se o santo, disse: «Com o favor de Deus vou pôr em execução a oferta que me fazes.» Com efeito, foi o santo ao monte e, ao ponto que o viram os indômitos animais, aproximaram-se dele como mansos cordeiros: tomou-os pelas hastes, jungiu-os a um carro e trabalharam quanto se lhes mandou como se fossem bois bem domados. Assim ficou escarmentado e ensinado aquele homem indevoto, favorecida uma obra ditada pela caridade, e o santo mais honrado e glorificado quando o vilão julgou que seria burlado e escarnecido.

Não contente o santo com haver disposto um bom caminho para os peregrinos, dispôs fabricar um hospital onde fossem recolhidos e refrigerados do cansaço e das fadigas. Nesta fábrica ofereceram-se-lhe algumas contradições que superar, já pela madeira que foi necessário cortar de um monte vizinho, já porque, tendo feito um poço para comodidade do hospício, começaram a queixar-se alguns descontentes de que se lhes havia feito não sei que injúria. A primeira contradição desvaneceu-se facilmente, vendo que Santo Domingos, sem mais auxílio que uma pequena foice, cortava e derrubava carvalhos inteiros, o que conheceram que não podia fazer-se sem uma virtude sobrenatural e divina; mas a segunda teve consequências mais funestas. Chegou a tanto o atrevimento e rancor daquela gente enfurecida que começaram a apedrejá-lo; mas o

santo, em lugar de fugir, aproximou-se dos mesmos que o maltratavam, os quais, ao vê-lo livre de suas pedras e com um rosto sereno e majestoso que mudamente lhes repreendia sua temeridade, cessaram de persegui-lo, caindo-lhes as pedras das mãos e a ira do coração. Só dois peregrinos que haviam recebido mil mercês do venerável ancião em seu hospício tiveram tanta insolência que prosseguiram tratando-o mal de palavra e pior de obra; pois um deles teve a audácia de pôr as mãos no santo, fazendo-o cair em meio do fogo que estava ali perto aceso. Levantou-se sem lesão e sem dar a mais ligeira mostra de impaciência; mas Deus, a cujo cargo está o cuidar que não pereça nem um cabelo da cabeça de seus servos, não deixou sem vingança tão atroz delito. Travaram-se de palavras aqueles dois miseráveis sobre a execução de suas mesmas insolências: brigaram, e brigaram de modo que ambos ficaram mortos na pendência, e seus cadáveres foram destroçados e comidos de cães. Semelhante castigo, ainda que não tão rigoroso, experimentou outro aldeão que, por dar enojo ao santo, introduzia suas ovelhas na horta que havia plantado para consolo dos peregrinos. Admoestou-o caritativamente e rogou-lhe com o maior encarecimento que não fizesse aquele dano a uma herdade que era dos pobres; mas, surdo aos avisos e obedecendo ao que lhe ditava sua malícia, prosseguiu no mesmo delito até que um dia, no mesmo ato de introduzir as ovelhas na horta, castigou o céu sua temeridade, deixando-o surdo, paralítico de todos os seus membros, derreado e calvo, servindo-lhe assim o mesmo castigo de afronta.

Não contente nosso santo com exercitar-se em obras de caridade, procurava aumentar seu mérito com a oração e com os exercícios de penitência. Tinha continuamente na memória que chegaria logo o momento em que havia de ser apresentado ante o tribunal do Juiz supremo de vivos e mortos e queria que não o apanhasse desprevenido uma hora tão terrível. Era tal seu cuidado neste ponto que sete anos antes de morrer mandou lavrar seu sepulcro numa penha; e, para que este lugar não estivesse ocioso, enchia-o de trigo ao tempo da colheita para reparti-lo depois entre os pobres. Um dia foi visitá-lo uma devota mulher, que era comadre do santo, e como, para obsequiá-la, quis mostrar-lhe o sepulcro que tinha já prevenido. Vendo-o a mulher, disse-lhe: «Que motivo tivestes para dispor vosso enterro tão longe da igreja?» Ao que respondeu Santo Domingos: «Não tenhais cuidado disso, senhora: a divina Providência cuidará de que meus membros repousem em lugar sagrado; porque vos faço saber que ou a igreja seguirá meus passos estendendo a este lugar seu recinto ou meus membros desfrutarão de seus favores.» O sucesso manifestou que falou com espírito profético, pois com o transcurso dos tempos veio o sepulcro a estar dentro da igreja.

Cheio de virtudes e merecimentos, tendo chegado a uma idade avançada que empregou na maior parte em benefício de seus próximos, conhecendo que se lhe aproximava o tempo de unir-se perpetuamente com seu Deus, acrescentou os exercícios de piedade e procurou dispor-se para deixar este desterro e caminhar para a pátria dos justos. Recebeu com suma devoção os santos sacramentos da Igreja e adormeceu no Senhor em 12 de maio do ano de 1109, deixando a seus familiares lágrimas nos olhos e exemplos de celestial doutrina fixados no coração. Seu cadáver foi sepultado no sepulcro que de antemão se havia disposto, o qual glorificou Deus com repetidos milagres em testemunho da santidade de Domingos. Apenas morreu, um lavrador que não aprovava os plantios feitos pelo santo tomou um machado e começou a cortar as árvores que havia plantado na horta dos peregrinos; mas, perdendo repentinamente a vista, castigou o céu sua temeridade e aprovou a caridade de seu servo fiel, que sempre se havia empregado no cumprimento do maior dos preceitos. Também experimentou o mesmo castigo uma avarenta

mulher que, vendo as copiosas esmolas que os fiéis ofereciam no sepulcro do santo, concebeu o temerário desígnio de roubá-las, fingindo que se aproximava para oferecer as suas. Ao ponto que verificou seus maus pensamentos, achou-se cega repentinamente, de modo que, desatinada e aturdida, dava com as paredes. Ia com ela um irmão seu, que, ignorando a causa de um mal tão repentino, lhe perguntou que havia feito para que lhe pudesse resultar aquela calamidade. Então a infeliz confessou-lhe abertamente seu delito e como havia furtado algum dinheiro das esmolas do santo, pelo que Deus a havia castigado com aquela cegueira. Levou-a seu irmão ao sepulcro, fê-la restituir o que havia roubado e com lágrimas de compunção pediram ambos a Santo Domingos perdão daquele desacato e que alcançasse do Senhor misericórdia. Não lhes saíram vãs suas esperanças, pois ali mesmo lhe foi restituída a vista do corpo e também a da alma, sendo dali em diante mais devota e melhor cristã.

São inumeráveis os prodígios que Deus tem obrado por intercessão deste santo com todos os que se têm encomendado a suas orações ou têm visitado seu sepulcro. Umas vezes têm visto consolidados seus membros os que estavam mancos, coxos ou tolhidos; outras têm recuperado sua saúde enfermos desenganados; outras têm adquirido vista, ouvido e fala os cegos, os surdos e os mudos; outras, enfim, têm-se resgatado da tirania do demônio muitos miseráveis que estavam possuídos deste cruel inimigo até o ponto de despedaçar-se a si mesmos e ter que atá-los para que não tirassem a vida. Mas entre todos os que têm experimentado seu poderoso patrocínio assinalou-se o mesmo povo da Calçada. É digno de perpétua memória o prodígio com que foi livrada esta cidade de um horroroso extermínio com que a ameaçava o rei dom Pedro, chamado o Cruel, tendo-a cercada e sem mais arbítrio para sua defesa que a proteção de seu santo fundador. Havia seguido na divisão civil que aconteceu sobre o reinado dos dois irmãos dom Pedro e dom Henrique a facção deste último. Por isso veio sobre ela dom Pedro, cercou-a e estreitou-a até o último apuro, com desígnio de fazer em seus habitantes um escarmento que confirmasse o renome de Cruel que com outras devastações semelhantes se havia ganhado. Já viam os acongojados vizinhos difundir-se o fogo por todas as suas habitações, devorar a cidade inteira e ameaçar o desapiedado cutelo todas as suas gargantas. Em tamanho conflito recorreram com lágrimas e fervorosas orações a Santo Domingos: fizeram vigílias em seu sepulcro, visitaram-no com solenes procissões, vestidos de penitentes; e instaram com tanto ardor que chegou a enternecer-se o céu de sua desgraça e a dar-lhes socorro por meio de seu protetor. Quando a maior parte do povo aflito estava derramando súplicas e gemidos ao redor do santo sepulcro, eis que todos ouviram uma voz milagrosa que os deixou suspensos. Imediatamente apareceram e deixaram-se ver por uma janelinha que tinha o sepulcro duas mãos brancas como a neve; no que entenderam que o braço onipotente do Todo-Poderoso se declarava em sua defesa. Permaneceram algum tanto as mãos visíveis e voltaram a esconder-se dentro do sepulcro, deixando-os a todos cheios de turbação, de consolo e de esperança. No entretanto o rei dom Pedro se apressava a executar a vingança que tinha determinada; mas, ó prodígio!, ao chegar com seu exército a uma montanhazinha que domina a cidade, todo ele se achou cercado de uma espessa e negra nuvem que o deixou em trevas. O mesmo rei e todos os seus soldados acharam-se de pronto com tanta água nos olhos que os deixou como cegos; de maneira que não podiam mover-se do sítio em que se achavam sem dar uns contra os outros. Voltaram a si conhecendo o milagre: pediram perdão a Deus e a Santo Domingos; mandou o rei deixar livre a cidade e que marchasse o exército para outra parte, e logo recobraram a luz e a vista que antes haviam perdido.

Outros muitíssimos milagres se referem deste glorioso santo, os quais seria muito longo referir: todos manifestam sua grande santidade, o afeto com que desde o céu olha a seus devotos e a glória que recebe Deus de que lhe peçam mercês por meio deste servo seu.

Martirológio Romano

Em Roma, na via Ardeatina, os santos mártires Nereu e Aquileu, que estiveram longo tempo desterrados na ilha de Ponza, com a virgem Santa Flávia Domitila, de quem eram oficiais; em seguida sofreram uma cruel flagelação; depois o consular Minúcio Rufo, tendo tentado inutilmente fazê-los sacrificar com os tormentos do cavalete e do fogo, como respondessem sempre que, estando batizados pelo apóstolo São Pedro, não podiam de nenhuma maneira oferecer incenso aos ídolos, mandou-lhes cortar a cabeça. Suas sagradas relíquias, com as de Santa Flávia Domitila, foram trasladadas solenemente, por ordem do papa Clemente VIII, da sacristia de Santo Adriano à antiga igreja de seu nome, onde já haviam estado e que se havia reparado depois: esta trasladação se fez na véspera de sua festa.

Ali mesmo, na via Aureliana, São Pancrácio, que à idade de catorze anos consumou seu martírio, tendo-lhe sido cortada a cabeça no tempo do imperador Diocleciano.

Além disso, em Roma, São Dionísio, tio paterno do mesmo São Pancrácio.

Na Sicília, São Filipe de Agira, o qual, tendo sido enviado a esta ilha pelo soberano pontífice, converteu a Jesus Cristo a maior parte de seus habitantes: sua santidade manifesta-se assinaladamente em curar os energúmenos.

Em Salamina, em Chipre, Santo Epifânio, bispo, varão de grande erudição em todo gênero e muito hábil no conhecimento das sagradas letras; não menos admirável pela santidade de sua vida que por seu zelo em manter a fé católica, por sua liberalidade com os pobres e pelo dom de milagres.

Em Constantinopla, São Germano, bispo, esclarecido em virtude e doutrina, o qual repreendeu com grande firmeza o imperador Leão, o Isauro, porque fazia publicar um edito contra as santas imagens. Em Tréveris, São Modoaldo, bispo.

Em Santo Domingo de la Calzada, em Castela, Santo Domingos, confessor.

Missa (oração)

A missa é do comum de confessor não pontífice, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Clementissime Deus, qui beatum Dominicum, confessorem tuum, egregiis virtutibus illustrare dignatus es: concede, quæsumus, ut cujus hodie natalitia celebramus, ejus intercessione a peccatorum nostrorum nexibus liberari, et illius consortio in cælis perfrui mereamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Clementíssimo Deus, que vos dignastes adornar vosso bem-aventurado confessor Domingos com virtudes tão excelentes, concedei-nos que, por intercessão de um justo cujo nascimento para o céu celebramos neste dia, sejamos livres das cadeias com que nos aprisionam nossos pecados e mereçamos gozar de sua companhia nos céus. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 da Sabedoria (o livro é o Eclesiástico).

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. 11 Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: 8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. 9 Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. 10 Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: 11 Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Reflexões

Bem-aventurado o varão que foi encontrado sem mancha e o que não foi atrás do ouro nem pôs sua esperança no dinheiro e nos tesouros. Quem é este, e o louvaremos? Porque fez coisas admiráveis em sua vida. Se se refletem bem estas palavras da santa Escritura, achar-se-á que em todos os tempos foi a mesma a avareza dos homens por juntar tesouros e a força destes para

fazer-se escravos os corações. Entre cristãos e entre gentios, entre sábios e ignorantes, entre os jovens e os velhos, sempre o ouro teve mais ou menos uma força mágica para corromper as almas. Que coisas tão prodigiosas não lhe atribuem os pagãos na mitologia? Somente a fábula de um Deus convertido em chuva de ouro para vencer uma honestidade guardada com muros e com cadeados manifesta a um mesmo tempo os desvarios da delirante fantasia e o poder ilimitado que a este encantador metal quiseram dar os homens. Que virtude, pois, não será necessária para desprezá-lo? Já o insinua o Espírito Santo quando, depois de exaltar como ditoso e bem-aventurado aquele varão sem mancha que não se deixou levar de seus atrativos, pergunta: E onde está? Onde se achará um homem de tanta virtude que tenha valor para desprezar o que apetecem todos com tanta ânsia e pelo que expõem tão frequentemente suas fazendas e suas vidas?

Nos tempos em que vemos tão propagada a religião sacrossanta de Jesus Cristo, somos tão felizes que podemos citar muitos exemplos desta heroica valentia. Poderíamos dar àquela pergunta do Espírito divino muitas respostas categóricas, assinalando infinitos discípulos do Crucificado que não somente apartaram seu coração do ouro, que não somente não colocaram nele suas esperanças, mas o pisaram, o olharam com sumo desprezo; que colocaram sua felicidade em padecer uma santa pobreza; e, por último, que, quando o tiveram, não o estimaram senão enquanto lhes proporcionava o mérito de desprezá-lo ou de empregá-lo em socorrer os pobres de Jesus Cristo. Quando nossa religião santa não tivesse outro apoio de sua sublimidade, este desprezo só, superior às forças ordinárias do homem, bastaria para exaltá-la e caracterizá-la de sobrenatural e divina. Assim sucedia nos primeiros séculos do cristianismo. Pasmavam os perseguidores do nome cristão ao ver que os discípulos de Jesus Cristo estimavam em nada as riquezas, pelas quais os demais homens padeciam tantas fadigas. Que diriam se vissem hoje tantos jovens ilustres, tantas donzelas delicadas que, criados entre os braços das riquezas, fazem profissão de desprezá-las, constituindo-se na obrigação de ser pobres toda a sua vida? Que diriam vendo nossos justos, como Santo Domingos, afanar-se, trabalhar, rogar, pedir, não para ter, não para fazer-se rico, mas para derramar o ouro em preparar caminhos, em plantar hortas, em levantar pontes, em edificar magníficos e cômodos hospícios em benefício de seus irmãos, ficando ele somente com o trabalho e a fadiga? À vista destes efeitos da religião e da caridade, desaparecem os estéreis discursos de todos os filósofos, que de ordinário nunca foram mais que palavras. Desaparecem aquelas decantadas virtudes sociais que não são mais que fantasmas enquanto a religião cristã católica não as vigora e lhes dá uma existência verdadeira.

Divina religião, caridade sublime, sociedade venturosa a que segue a doutrina de Jesus Cristo! Se os cristãos se detivessem a considerar as vantagens que lhes proporciona sua profissão sobre quantos homens teve o mundo, haveria um que não cumprisse seus preceitos, ainda que não fosse senão pela satisfação de ser a respeito deles um herói? Mas a religião te pede mais. Como ela é sobrenatural e tem sua origem no céu, quer que fixes ali tuas intenções para fazer boas e frutuosas tuas obras. Não se contenta com que te desprendas do ouro; não basta que o repartas com larga mão: Deus olha a teu espírito. Se este é puro e reto; se é a glória de Deus, o proveito do próximo, o socorro do necessitado e o cumprimento da lei o que dá vigor a tuas mãos quando repartes tuas riquezas, serás, segundo a palavra do mesmo Deus, bem-aventurado e digno de louvor. Mas, se buscas uma glória mundana e perecível; se ofereces tuas riquezas a tua mesma vaidade; se tuas esmolas não saem da esfera da carne, longe de ser bem-aventurado, terás a

mesma sorte que aquelas gentes que ignoram a Deus.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40 Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Sobre os efeitos maravilhosos da caridade

Primeiro ponto

Considera que a caridade é tão maravilhosa em seus efeitos que sabe juntar de um modo admirável extremos opostos e contrários, fazendo que o pobre seja rico.

«Por pobre que sejas, diz Santo Agostinho [^2], sempre terás que dar, contanto que tenhas repleto o peito de caridade.» «Esta virtude, diz o mesmo [^3], é uma dívida que sempre tens em favor de

teu próximo. Paga-se quando se exercita e deve-se quando se recebe, porque não há tempo algum em que não se deva exercitar.» Considera bem e devagar suas propriedades, as quais, ao mesmo tempo que te admirem, é preciso que te enamorem a alma. «Não se perde a caridade, prossegue o mesmo santo, quando se empresta, mas antes, emprestando-se, multiplica-se; empresta-se, e contudo ficas com ela sem padecer desfalque algum; porque o que a tem é quem a exercita, não quem carece dela. E, sendo verdade que não se pode dar se não se tem nem tê-la sem dá-la, também o é que tanto mais cresce a caridade quanto mais se exercita e tanto mais se adquire dela quanto são mais aqueles a quem se dispensam seus ofícios. Não se gasta a caridade como se gasta o dinheiro, porque, além de que este diminui e aquela aumenta, distinguem-se também em que, não pedindo a dívida pecuniária, fazemo-nos mais gratos a nossos devedores; mas, ao contrário, nunca manifestamos a nosso próximo mais benevolência que quando exigimos que nos corresponda na caridade com que o amamos e servimos; e assim não pode ser bom gastador ou distribuidor de caridade o que não seja também um recebedor benigno.»

Grande consolo para os que se determinam a ser caritativos! Se o que ata tuas mãos para distribuir os bens que te deu o céu, a fim de que com eles socorras os pobres, é um temor néscio de que te possa faltar, sai já desse engano: nada se possui com mais segurança que o que se emprega em socorrer o necessitado. E não somente isto, mas tanto mais terás quanto mais deres. Porque, além da autoridade de Santo Agostinho e de todos os santos padres, que dizem o mesmo, como é possível que nos engane a mesma verdade por essência? Não tem dito o Espírito Santo: *Deixa o cuidado de ti ao Senhor, que ele te alimentará*? Não nos diz o mesmo Jesus Cristo: *Não queirais dizer que comeremos, que beberemos ou com que nos faremos vestido; o Pai celestial tem cuidado disso*? Não ofereceu Deus ao que despreze os bens deste mundo por seu amor dar-lhe cento por um e além disso a vida eterna? Não lemos continuamente nas vidas dos santos verificadas muitas vezes todas estas verdades, autorizando-as o Senhor com mil prodígios? Um São Juliano que encontra cheios os celeiros quantas vezes manda tirar trigo para os pobres, sem que haja miséria que seja capaz de esgotar a provisão que fazia a caridade; um São Tomás de Villanueva que dava esmola três vezes mais do que tinha de renda e que jamais encontrou sem dinheiro uma bolsa que tinha para os pobres, por muito que tirasse; um Santo Domingos da Calçada, pobre e sem mais arbítrios que a caridade, edificando hospitais magníficos, pontes e uma cidade inteira, são um testemunho tão autêntico da riqueza que é amar e fazer bem a seus próximos que desvanecem todos os temores em contrário e acusam os tíbios que se receiam de seguir seus passos.

Segundo ponto

Considera que a caridade não somente faz o pobre verdadeiramente rico, mas, além disso, de covarde e apoucado o faz forte e valoroso: faz que as coisas mais graves e pesadas de si lhe sejam ligeiras e gostosas; dá-lhe esforço para vencer as adversidades e contradições; e de um homem miserável, incapaz por si mesmo de nenhuma obra que não leve consigo o selo de sua baixeza, forma um homem novo, invencível, capaz das maiores empresas, e tal que mais parece um anjo que administra o poder de Deus que um puro homem que obra por suas próprias forças.

Já São Paulo descreveu com bastante prolixidade todos estes efeitos da caridade, e outros muitos, na epístola primeira aos coríntios; e, falando de si mesmo na que escreveu aos romanos, pergunta: *Quem será capaz de separar-nos da caridade de Cristo? Acaso a tribulação, ou a angústia, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a perseguição, ou a espada? Tudo isto vencemos por aquele que nos amou antes que nós o amássemos; e assim estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as virtudes, nem o presente, nem o futuro, nem a fortaleza, nem o elevado, nem o profundo, nem criatura alguma, seja a que for, poderá separar-nos do amor de Deus que está em Nosso Senhor Jesus Cristo.* Quando lês estas expressões animosas, comove-se teu coração certamente. Conheces o poder da graça de Deus; conheces que, assim como nas coisas terrenas se vê que nada é penoso nem difícil ao que verdadeiramente ama, com muito mais razão se verifica isto mesmo a respeito das coisas celestiais e divinas. Vêm-te à memória os feitos dos mártires e admiras-te de que no terno peito de uma donzela coubesse o valor necessário para apresentar-se voluntariamente ao tirano e vencer os tormentos mais atrozes, dando alegre sua vida, cantando hinos e cânticos a Jesus Cristo. As penitências dos confessores, a abstração e solidão dos anacoretas, a castidade e a obediência dos monges e, sobretudo, o desinteresse e santa liberalidade com que todos eles se desprendiam dos bens que tanto apetece o resto dos homens te admiram, te surpreendem e te enchem de confusão. Pois todas essas heroicas ações não têm outro segredo que a caridade. Se esta divina virtude habita em teu peito, por força te verás inflamado para manifestá-la em tuas obras.

Acometer-te-ão todos os contratempos, todas as perseguições, todos os trabalhos do mundo; tua honra será lacerada talvez por uma negra calúnia; teus bens os verás em mãos de teus inimigos por meio de uma violenta usurpação; teus méritos e trabalhos receberão o abandono e o desprezo em lugar de recompensa: mas, se tens caridade, tudo isto vencerás facilmente. Acometerão tua alma todas as pompas de Satanás, todas as vaidades do mundo; cada vício de per si apontará seus tiros contra tua fraqueza; a soberba quererá inchar teu coração; a ambição te estimulará para que pretendas exaltar-te sobre teus irmãos; a ira te provocará a vingança pelas ofensas mais mínimas; a gula te convidará a fazeres de teu ventre um ídolo, ainda que seja à custa da razão; a inveja te sugerirá meios de deprimir o verdadeiro mérito e talento de teu próximo; a avareza, enfim, não só te atará as mãos para privar-te de fazer bem, mas desejará que te afanes, que percas o repouso, que cometas injúrias, que te exponhas a mil perigos para que chegues a juntar um grande repositório de prata e ouro em que se deleite teu coração: mas, se tiveres caridade, todos estes esforços, todas estas sugestões, todos estes atrativos serão vãos, inúteis e sem fruto. Tu zombarás do mundo, do demônio, de todas as suas pompas e vaidades; terás os vícios por vícios e, em lugar de incensar seus altares, buscarás os templos de Deus vivo, buscarás os hospitais, as casas das viúvas oprimidas e desamparadas, as das donzelas honestas que perigam por sua pobreza; buscarás os pobres e necessitados, e ali farás sacrifícios à caridade. Ainda que teu estômago seja delicado, não estranharás a imundície e fetidez dos cárceres e hospitais; ainda que ames muito tua saúde, não temerás jamais que se chegue a ti o contágio; ainda que sejas rico e poderoso, estimarás os pobres trastes e habitação reduzida da viúva, do órfão, do desvalido; e, contanto que sejas honesto e recatado, não temerás as murmurações injustas do mundo quando te vir socorrer a honestidade que periga; ainda que tuas rendas sejam muito reduzidas, não temerás jamais que te falte o necessário por socorrer os pobres; ainda que teu coração seja de si débil, fraco e apoucado, verás como não há nem trabalho que o faça desmaiar, nem perseguição que o supere, nem

dificuldades que o arredrem, nem coisa alguma visível ou invisível que o despoje do valor sobrenatural que lhe comunica a caridade. À vista disto, será ainda possível que medites e reflitas sobre estes prodigiosos efeitos e que com tudo isso não sejas caritativo?

Jaculatórias

> *Ignem ardentem extinguit aqua, et eleemosyna resistit peccatis.* Eclo 3.

Deus meu, eu sei que, assim como a água apaga o ardor do fogo, da mesma maneira a esmola resiste ao pecado e não permite que entre na alma.

> *Melius est modicum justo, super divitias peccatorum multas.* Sl 36.

Mais faz o justo com uma mediana fortuna que o pecador com muitas riquezas.

Propósitos

1. Tu experimentarias em tua alma todos os admiráveis efeitos da caridade se, como tiveste ocasiões e auxílios, tivesses tido resolução de exercitá-la. Encontraste um pobre miserável e chagado: ao ponto te lembraste de que nele estava representado Jesus Cristo; logo se seguiu o desejo de favorecê-lo e aliviar de algum modo sua miséria; a estes efeitos sucedeu a contemplação de que semelhantes obras têm um prêmio eterno, além da satisfação que causa a obra boa por si mesma. E quê? Resolveste-te a dar-lhe uma esmola avultada, capaz de aliviá-lo em sua miséria? Não: um miserável quarto ou ochavo foi todo o fruto das sugestões da caridade. Ouves a opressão que padece uma pobre viúva carregada de três ou quatro filhos que não pode alimentar: uma pequena e reduzida fazenda poderia aliviar suas angústias; mas um avarento a tem sequestrada com um pleito injusto e tem esperanças certas de prevalecer contra a pobreza indefesa. A caridade te dita que a ampares, que te oponhas como um muro forte contra a perversidade do invasor injusto, que empregues tua autoridade, tua valia e uma curta porção de teus interesses para livrar aquela infeliz da opressão que padece e consolar toda uma família. E pões por obra estas santas inspirações? Não.

O temor de criar-te um inimigo poderoso acovarda teu coração; o apego ao dinheiro ata tuas mãos; o néscio receio de que possa fazer falta a tua família o que gastes na piedosa obra de socorrer um necessitado desvanece todos os caritativos pensamentos que havias concebido. Ó santa caridade, que assim hajam de vilipendiar os homens teu poder e teu influxo! Conhece, ó cristão, teu erro; conhece que todos os teus temores são vãos e fantásticos; que quanto empregares em socorrer o

oprimido te há de voltar Deus com ganhos, aumentando ainda neste mundo tuas riquezas; que à vista da caridade armada de fortaleza desmaiam as forças e as astúcias do iníquo que intenta triunfar da pobreza inocente; que tua família se verá cumulada de bênçãos do céu em recompensa da beneficência que exerças com aquela viúva, com aquele órfão, com aquele necessitado; que talvez a tua mesma família está reservada igual sorte depois de teus dias e que Deus disporá que outro varão caritativo defenda tua mulher e teus filhos de vexações iguais às que tu remediares em teu próximo. Persuade-te intimamente de que nunca falta Deus ao verdadeiro caritativo e, neste verdadeiro suposto, arroja todo temor de tua alma e dá nela lugar à caridade para que obre seus prodigiosos efeitos. Assim o farei, Deus meu, e minha caridade será perfeita. Assim vo-lo prometo com toda a minha alma; e, se até aqui o temor, a covardia ou o demasiado apego aos bens deste mundo sufocaram em meu peito as influências de vossa caridade e de vossa graça, daqui em diante eu imitarei o valor de vossos servos e me contentarei convosco, que sois todo o meu bem, toda a minha riqueza e toda a minha ventura. E, ainda que perca os bens terrenos e a amizade dos homens iníquos e perversos que oprimem o desvalido, que cuidado me deverá dar quando vós me assegurais vossa amizade eterna e uns bens infinitos que não estão sujeitos às mudanças da fortuna?

[^1]: Ez 3,18. A chamada «(1)» consta do original, mas o texto da nota não aparece no OCR; a referência foi deduzida do texto citado. [^2]: Santo Agostinho, *Enarrationes in Psalmos*, Sl 30, serm. 2, n. 13. [^3]: Santo Agostinho, *Carta* 192, n. 1 e 2. (O OCR traz «(9) Epist. 192, n. 1 y 2».)

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:05 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:05 by Admin